

TABULEIRO DE LETRAS

O discurso da inclusão: Uma análise argumentativa do discurso religioso de uma igreja inclusiva

The discourse of inclusion: An argumentative analysis of the religious discourse of an inclusive church

Bárbara Amaral da Silva¹

RESUMO: Ao longo de toda a história, a relação entre gênero e religiões judaico-cristãs foi complexa, e o grupo de pessoas *queers* foi fortemente punido e excluído, por fugirem à prescrição das religiões e de seu discurso tradicional. Entre 1980/90, como um contradiscurso, a teologia *queer* surgiu, e, assim, emergiram na cena mundial as igrejas inclusivas, que se filiaram ao novo discurso teológico e que buscam a inclusão cristã de LGBTTs. O principal objetivo deste trabalho é verificar, a partir da Análise Argumentativa do Discurso, proposta por Ruth Amossy, como ocorre, discursivamente, a inclusão desses indivíduos na Comunidade Família Cristã Athos, uma das maiores igrejas inclusivas do Brasil, mais especificamente em uma de suas obras – *Bíblia e Homossexualidade: Verdade e Mitos* (2010) –, publicada pelo pastor Alexandre Feitosa, Além da teoria já mencionada, ainda contamos com contribuições de outros estudiosos, a exemplo de Charaudeau com sua noção de Credibilidade, e de André Muszkopf, para o estudo das igrejas inclusivas. Esta proposta se faz relevante devido a fatores como a atualidade do tema, o crescimento de igrejas inclusivas no Brasil e a necessidade de “tirar do armário” essa teologia.

Palavras-chave: Análise do discurso; Argumentação; Igrejas Inclusivas; *Queers*.

ABSTRACT: Throughout history, the relationship between gender and Judeo-Christian religions was complex, and the group of queer people was heavily punished and excluded for not fitting into religious prescriptions and their traditional discourse. Between 1980/90, as a counter-discourse, queer theology emerged and with that emerged, on the world scene, inclusive churches, which joined the new theological discourse and seek the Christian inclusion of LGBTTs. The main objective of this work is to verify, from the Argumentative Analysis of Discourse, proposed by Ruth Amossy, how the inclusion of these individuals occurs discursively in the Christian Family Community Athos, one of the largest inclusive churches in Brazil, more specifically in one of its books – *Bible and Homosexuality: Truth and Myths* (2010) –, published by Pastor Alexandre Feitosa. In addition to the aforementioned theory, we will still have contributions from other scholars, like Charaudeau with the notion of credibility, and André Muszkopf, for the study of inclusive churches. This work is relevant due to factors such as: the relevance of the theme, the growth of inclusive churches in Brazil and the need to take this theology “out of the closet”.

Keywords: Discourse analysis; Argumentation; Inclusive Churches; *Queers*.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – UFMG. E-mail: barbara.amaral87@gmail.com .

Introdução

A relação entre gênero e religiões judaico-cristãs sempre foi complexa. A partir da imposição de um único Deus homem e da criação do mito primordial, a desigualdade entre gêneros passou a ser propagada e justificada pela lei divina. Embora as mulheres tenham sido perseguidas e excluídas ao longo dos séculos, como constatamos em pesquisa prévia², elas não foram as únicas a sofrerem as consequências do discurso religioso tradicional disseminado na história.

O sociólogo Pierre Bourdieu (2012) coloca a religião como um “universo simbólico” que cumpre a função política de garantir a dominação de uma classe sobre a outra, sendo também capaz de gerar a “violência simbólica”. Apesar de o foco de Bourdieu ter sido a dominação masculina sobre as mulheres, tematizando uma de suas principais obras, acreditamos na dominação por orientação sexual também, em que indivíduos heterossexuais são valorizados em detrimento dos que se encaixam no grupo dos *queers*, fazendo de tudo para perpetuar esse esquema. Aqui, vale uma ressalva, nossa preferência pela expressão *queers* se deve a:

[...] o ser homossexual –, demonstrou aos poucos que não cabia dentro da terminologia *homossexual*, nem *gay*, mas carecia de um termo mais abrangente para acabar com a polaridade hetero-homossexual. Isso porque *homossexual* e *gay* estabelecem outra hierarquia sexual, excluindo, por exemplo, transexuais, bissexuais, transgêneros... Por essa razão, o termo *queer* tem por objetivo central ser mais amplo a ponto de abarcar diferentes perspectivas e experiências. (MUSSKOPF, 2003, p. 137) (grifo do autor).

Nesse sentido, acreditamos que o grupo de pessoas *queers* foi fortemente punido por fugirem à prescrição normativa e arbitrária das religiões, e é a esse grupo que daremos enfoque, mais especificamente às Igrejas que surgiram para acolhê-lo.

Diversos trechos da *Bíblia Sagrada* foram/são retomados para validar a ideia segundo a qual os indivíduos *queers* fogem à natureza e àquilo que corresponderia à vontade de Deus. As histórias bíblicas mais visitadas, nesse sentido, são a criação dos primeiros seres humanos, que os fundamentalistas ironizam ao afirmar, frequentemente, que Deus criou Adão e Eva, e não Adão e Ivo; a história das cidades Sodoma e Gomorra, que teriam pegado fogo devido à prática homossexual ali presente também é retomada; o trecho bíblico em Levítico 20:13,

² Aqui, fazemos menção à pesquisa desenvolvida em minha dissertação, defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UFMG, e intitulada *A construção argumentativa da mulher V: um modelo a ser seguido*.

segundo o qual o sexo entre homens é uma prática “abominável”, e tantos outros trechos também são destacados pela maioria dos líderes religiosos que pregam a exclusão e a perseguição *queer*.

Devido a esse tipo de interpretação bíblica, pessoas *queers* foram/são violentadas das mais diversas formas, a exemplo do período que compreendeu o fim da Idade Média e a Idade Moderna, em que eles foram, junto com as mulheres, acusados de bruxaria, torturados e queimados na fogueira. Até o ano de 2017, segundo o *site* da *Ilga*³ (sigla em inglês para *International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association*)⁴, existem 71 países que consideram a homossexualidade um crime, e em 8 países o “crime” é punido com a morte. No Brasil, o Grupo Gay da Bahia informa que “a cada dia e meio um homossexual brasileiro é assassinado, vítima da homofobia”⁵. Além dos casos em que a violência leva ao óbito, existem outros nos quais as vítimas são agredidas fisicamente, mas não morrem, e casos em que as vítimas ficam com sequelas físicas e/ou emocionais, podendo levá-las ao suicídio. Segundo Rodrigues (2010), homossexuais são de 2 a 3 vezes mais propensos a cometerem suicídio. Assim, não há como não responsabilizar, ainda que indiretamente, o discurso religioso por esses fatos.

Embora o discurso religioso tradicional pregue a segregação ou, muitas vezes, a “cura” *queer*, segundo Musskopf (2005), a partir dos anos de 1960/70 alguns elementos contribuíram para o surgimento de uma nova teologia, a teologia *queer*. Dentre esses fatores, o teólogo destaca a expansão da segunda onda do movimento feminista, que se aproveitou das ideias de Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo*; o surgimento de uma teologia feminista, liderada por Mary Daly; a emergência do movimento Afro, construído em torno das figuras de Malcom X e Marthin Luther King Jr., que evidenciou a desigualdade racial nos Estados Unidos; o nascimento de uma teologia negra, com James H. Cone; a teologia da libertação, que surgiu na América Latina e declarava a opção do Evangelho pelos pobres; o Movimento Homossexual; a Revolta de *Stonewall*, um episódio marcado pela resistência *queer* a atos homofóbicos etc. Musskopf (2005) explica, então, que esses acontecimentos e essas teologias emergentes, mesmo sem terem incluído as reflexões teológicas de homossexuais, contribuíram para sua aparição, visto que possibilitaram contemplações acerca de exclusão, opressão e gênero. Além de tudo, por fim, o teólogo ainda menciona a Teoria *queer*, surgida

³ Disponível em: < <http://ilga.org/> >. Acesso em: 02 fev. 2018.

⁴ Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais. (Tradução nossa).

⁵ Disponível em: < <http://www.ggb.org.br> >. Acesso em: 02 fev. 2018.

entre as décadas de 1980 e 1990, fortemente marcada pelas obras de Michel Foucault como influência daquilo que foi chamado de Teologia *queer*.

Juntamente ao surgimento dessa nova teologia, emergiram na cena mundial algumas igrejas que se filiaram ao novo discurso teológico que ganhava terreno. Como explica Musskopf (2008, p. 168):

Em muitos casos pode-se falar de uma igreja *para* pessoas GLBT, que surgem e se organizam justamente por estas pessoas não poderem viver sua religiosidade nas igrejas tradicionalmente constituídas. Outras preferem definir-se como organizações “inclusivas”, no sentido de que estão abertas a todas as pessoas, especialmente àquelas que se sentem “excluídas” de outros espaços. (grifo do autor).

Nesse sentido, o principal objetivo deste trabalho é verificar, a partir da Análise Argumentativa do Discurso, proposta por Ruth Amossy, como ocorre discursivamente a inclusão desses indivíduos na Comunidade Família Cristã Athos, uma das maiores igrejas inclusivas do Brasil, mais especificamente em uma de suas obras – *Bíblia e Homossexualidade: Verdade e Mitos* (2010) –, cuja autoria é do pastor Alexandre Feitosa. Além da teoria já mencionada, o presente estudo traz contribuições de outros estudiosos, a exemplo de Charaudeau e sua noção de Credibilidade, e de André Musskopf, para o estudo das igrejas inclusivas.

A proposta de estudar o discurso de inclusão de indivíduos *queers* difundido por uma instituição religiosa inclusiva se justifica por fatores de ordem social e discursiva. Em primeiro lugar, vale ressaltar a atualidade do tema. É notável o crescimento da visibilidade *queer* conferida pelas mídias, a exemplo da maior aparição de personagens assumidamente *queers* em novelas brasileiras; a representação de casais homoafetivos em anúncios publicitários, a exemplo do “polêmico” comercial de dia dos namorados produzido pela marca de cosméticos O Boticário⁶ etc. Ademais, a aprovação do casamento civil igualitário em diversos países, como no Brasil, em 2011, e nos Estados Unidos, em 2015, mostram a relevância da temática.

Mais precisamente no âmbito religioso atual, verificamos duas tendências. De um lado, destacamos que, entre os anos 2000 e 2010, os evangélicos representaram o grupo de religiosos que mais cresceu no Brasil. “Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2

⁶ Fazemos referência à campanha “Um dia dos namorados para todas as formas de amor”, lançada pela marca O Boticário, em 2015.

milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%.”, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, de acordo com Lopes e Vital (2012), foi verificado o crescimento do que, popularmente, ficou conhecido como a “bancada evangélica” no Brasil, que tenta impedir a aprovação de projetos sociais que beneficiem o grupo *queer*, como a reprovação da implementação do “kit anti-homofobia”, material educativo que visava ao combate da homofobia em escolas públicas, e a reprovação do Projeto de Lei Complementar (PLC 122/06)⁷, que criminalizaria a discriminação por orientação sexual e por identidade de gênero. Nesse mesmo sentido, não faltam exemplos de pastores evangélicos que já vieram a público declarar repúdio aos indivíduos *queers*, a exemplo de Marco Feliciano e Silas Malafaia, que retomaram e difundiram aquilo que o discurso religioso tradicional prega sobre o assunto.

A segunda tendência a ser destacada diz respeito ao crescimento de igrejas inclusivas, que atuam na direção contrária das instituições evangélicas tradicionais, engendrando um contradiscurso e tentando acolher o cristão que se sente rejeitado pelo discurso religioso tradicional. Ao tratar desse crescimento, a antropóloga Weiss de Jesus (2012, p. 73) relata que, em 2004, existiam igrejas inclusivas com quatro denominações diferentes, em 2007 foram localizadas oito denominações e em 2012 “mais de vinte denominações foram localizadas no Brasil.”. Apesar de todo esse crescimento, a teologia inclusiva, as igrejas inclusivas e o discurso inclusivo continuam “no armário”. Segundo Musskopf (2005, p. 3),

[...] a invisibilização deste trabalho ainda é muito forte. Ele continua guardado nos armários das nossas universidades e seminários, nos armários das nossas bibliotecas particulares e nos armários das editoras que ousam publicá-los, mas não ousam divulgá-los ou não têm os meios para fazê-lo.

A isso acrescentamos que a maioria das pesquisas sobre igrejas inclusivas pertence à própria teologia, a exemplo das pesquisas de Musskopf, um dos únicos teólogos a abordar a temática no Brasil, o que imprime à pesquisa ora proposta o caráter de inovadora na área do discurso. Com o trabalho, acreditamos contribuir para “tirar do armário” esse novo discurso de inclusão destinado aos milhares de brasileiros que não se enquadram na heteronormatividade do discurso religioso tradicional e que sentem falta disso.

Análise Argumentativa do Discurso e a análise do *corpus*

⁷ Cf. < <http://www.plc122.com.br/> >. Acesso em: 21 ago. 2015.

A escolha pela Análise Argumentativa do discurso, proposta por Ruth Amossy, deu-se por um motivo principal, nas palavras de Lima (2006, p. 116),

No meu entendimento, com a adoção dessa perspectiva tridimensional, a argumentação não se limitaria apenas a uma parte da retórica e muito menos ao seu lado racional, mas consistiria em algo mais abrangente e se edificaria em três elementos responsáveis por colocar em cena as mais diversas estratégias argumentativas.

Assim, escapamos das retóricas antigas, tais como as de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, e de alguns estudos em argumentação, a exemplo dos trabalhos de Toulmin, Grize, Anscombe e Ducrot, os quais, em certa medida, privilegiam o *logos*, como saber racional, e deixam de lado as outras provas, desvalorizando o contexto de produção e retratando as emoções como perda de controle. Faz-se necessário esclarecer que “a argumentação está no centro da concepção antiga da retórica” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 52), portanto não há como negar que os tratados de retórica antigos, especialmente o de Aristóteles, compõem o fio teórico da Análise do Discurso, perspectiva adotada por nós naquilo que diz respeito à empreitada persuasiva. Entretanto, aqui, as provas são vistas de maneiras diferentes. Em primeiro lugar, destacamos a importância dos três elementos em conjunto, ainda que, em certos momentos, cada um deles possa ganhar maior destaque. Além disso, com Amossy (2010), esclarecemos que o *ethos*, ou imagem de si (e do outro), é uma construção mútua, tanto social quanto discursiva. O *pathos* se livra do tom pejorativo que o circunscrevia e passa a ser associado a certa racionalidade, principalmente quando se liga à *doxa*, entendida como o senso comum. O *logos*, finalmente, deixa de significar o pensamento racional, a exemplo do entimema ou do silogismo, e passa a ser, nas palavras de Galinari (2011, p. 94), “discurso e tudo aquilo que integra a sua estrutura”, ou seja, é preciso levar em conta modalizadores, tipos de argumentos, pronomes, silenciamentos etc., para, assim, vermos quais efeitos de sentido esses elementos provocam e como contribuem para erigir *ethos* e *pathos*.

Uma das maiores contribuições de Ruth Amossy aos estudos em argumentação talvez tenha sido a proposta de uma *visée* e de uma dimensão argumentativa do discurso. De acordo com a pesquisadora, existem discursos mais argumentativos que outros, contudo todos eles procuram influenciar, em certa medida, o outro. Caso contrário, o orador poderia,

simplesmente, permanecer calado. Nesse sentido, Amossy (2011) coloca o artigo científico, as informações televisivas, as autobiografias, os contos etc. como exemplos da dimensão argumentativa, isto é, são gêneros em que não há uma estratégia argumentativa ou uma programação declarada de persuadir. A *visée*, por sua vez, é a existência explícita de um objetivo argumentativo, tal como acontece no discurso eleitoral, na publicidade, na pregação nas igrejas etc. O nosso *corpus* se encaixa nesse segundo modo da argumentatividade discursiva, o que fica evidente no seguinte excerto:

A noção que a maioria das pessoas têm sobre homossexualidade está relacionada apenas ao aspecto sexual, exatamente porque a Bíblia, ao mencionar atos homogenitais, o faz sem nenhuma conexão com a afetividade e o compromisso mútuos. [...] Tal visão **deve** ser revista. Uma nova reflexão, a partir dos textos bíblicos, é o primeiro passo rumo ao **reconhecimento da diversidade sexual enquanto aspecto natural da existência humana**. (FEITOSA, 2010, introdução) (grifos nossos).

A utilização do verbo “dever” em sua forma imperativa já mostra uma vontade em incitar o interlocutor a rever o discurso tradicional defendido nas igrejas. Mais do que apenas incitar, a ordem dada pelo modo verbal, de acordo com Koch (2002, p. 85-86), é característica do discurso autoritário, em que “o locutor procura manifestar um saber (explícito ou implícito) e obrigar o interlocutor a aderir ao seu discurso, aceitando-o como verdadeiro”. Logo, é possível dizer que existe um objetivo persuasivo explícito na obra de Feitosa, que é esclarecido na sentença destacada, e aqui retomado, “[...] reconhecimento da diversidade sexual enquanto aspecto natural da existência humana”. (FEITOSA, 2010, introdução). O que pretendemos, então, é verificar como esse objetivo persuasivo é realizado no *corpus*, e assim contribuiremos para tentar responder à pergunta “como ocorre a inclusão de indivíduos *queers* no discurso religioso inclusivo”?

A noção de credibilidade apresentada por Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 143), entendida como “[...] o caráter de veracidade [...]”, faz-se peça-chave em nossa análise para percebermos como o orador tenta conferir veracidade ao discurso, ou seja, como ele constrói a verdade de *seu* discurso. A própria escolha do subtítulo da obra já ilustra o projeto do orador de conferir veracidade ao texto. Notamos, pois, que em *Bíblia e Homossexualidade: Verdade e Mitos*, o singular da palavra “verdade” contrasta com o plural de “mitos”, criando, possivelmente, a ideia de que o livro traz A verdade, em contraposição aos vários mitos presentes no discurso religioso tradicional, ao qual se contrapõe.

Outra estratégia de construção da credibilidade na obra é o esclarecimento que se faz acerca do modo de interpretação das escrituras. Nesse sentido, Feitosa (2010) explica que a interpretação bíblica se baseia no método histórico crítico, que leva em conta dois princípios básicos, sendo eles a hermenêutica e a exegese, respectivamente entendidos como:

Conjunto de regras universais para a correta compreensão e interpretação das Escrituras Sagradas. A saber: (a) interpretar a Escritura pela própria Escritura; (b) tomar as palavras em seu sentido usual; (c) tomar o sentido das palavras conforme a (sic) sentenças em que estão inseridas; (d) considerar as palavras pelo seu contexto, ou seja, os versos que precedem e seguem o trecho em estudo; (e) consultar passagens paralelas; (f) considerar o real sentido da mensagem original aos primeiros receptores.

Estudo sistemático das Escrituras com a finalidade de descobrir o sentido original das mensagens bíblicas. A Exegese considera os aspectos socioculturais, históricos e linguísticos dos escritores e seus destinatários. (FEITOSA, 2010, p. 18, em rodapé).

A apresentação desse método pode contribuir para a credibilidade, ao conferir ao discurso certo caráter de racionalidade, de método científico, tentando apagar, já de antemão, possíveis pensamentos de interlocutores que relacionassem o discurso inclusivo a uma interpretação puramente subjetiva e sem sentido.

Ainda visando à credibilidade, na obra Feitosa (2010) recupera falas de personalidades reconhecidas em suas áreas de atuação, a exemplo do trecho do texto “Cristianismo e Homossexualidade”, escrito por Regina Soares Jurkewicz, professora pesquisadora de sociologia, religião e gênero social, embora, talvez, o nome de maior prestígio social seja o de Dráuzio Varella, médico enaltecido nacionalmente, que, no texto retomado, afirma, categoricamente: “Em contraposição ao comportamento adotado em sociedade, a sexualidade humana não é questão de opção individual, como muitos gostariam que fosse. Ela simplesmente se impõe a cada um de nós. Simplesmente é!” (VARELLA *apud* FEITOSA, 2010, p. 27)⁸. A referência a Dráuzio Varella, além de ser um argumento de autoridade, tal como o definem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017), volta a reforçar o caráter racional e científico do discurso.

Talvez, o argumento de autoridade mais forte presente na obra seja a própria voz de Deus, que se mostra durante todo o livro. Conforme Feitosa (2010), as igrejas inclusivas partem do postulado bíblico segundo o qual “[...] Deus não faz acepção de pessoas”. (Bíblia

⁸ O texto, na íntegra, de Varella pode ser acessado em: < <https://drauziovarella.com.br/drauzio/artigos/causas-da-homossexualidade/> >.

Sagrada, Atos 10:34), portanto não faria sentido deixar a comunidade *queer* afastada da igreja. Além disso, o teólogo ainda menciona a “graça Divina” como o pilar da inclusão, significando a bondade de Deus frente à indignidade do receptor. Deus é, pois, a autoridade inquestionável, e, conseqüentemente, são também inquestionáveis esses e outros excertos retirados da *Bíblia*, e que comprovariam a aceitação divina das pessoas *queers*.

Em nosso *corpus*, a credibilidade também se liga às imagens de si do próprio autor da obra. Alexandre Feitosa, de acordo com a curta biografia presente em nosso *corpus*, é “[...] mestrando em Teologia Histórica pela Escola de Teologia do Espírito Santo (Esutes). Atuou como professor em faculdades teológicas no Distrito Federal [...]”. (FEITOSA, 2010, orelha da contracapa). Além disso, como já falamos, ele é pastor na Athos, uma das maiores igrejas inclusivas do Brasil. Todos esses fatos contribuem para a criação da imagem prévia de um “notável conhecedor da *Bíblia*”.

Discursivamente, essa imagem de notável conhecedor também aparece, juntamente com o *ethos* de “seguro do que fala”, sustentando também a credibilidade e a persuasão do discurso. Por toda a obra percebe-se a presença daquilo que Koch (2002, p. 86) chama de modalidade do saber – “eu sei, portanto é verdade” – e de termos do mundo comentado, a partir dos quais o interlocutor tende a aceitar, com mais facilidade, os argumentos, o que acontece, por exemplo, nos seguintes trechos: “As doutrinas bíblicas **somente** poderão ser úteis e legítimas quando extraídas sem descartar a análise de sua contextualização [...]” (FEITOSA, 2010, p. 16) (grifo nosso); “**É necessário** esclarecimento bíblico a fim de se dissipar a ignorância que **provoca** o preconceito e a discriminação [...]” (FEITOSA, 2010, p. 16) (grifos nossos). Nos excertos, as palavras “somente” e “é necessário” assim como o verbo “provoca” no presente do indicativo provocam esse efeito de sentido no texto, o saber e a certeza do orador.

A imagem discursiva do homossexual cristão “de bem com a vida”, como chamamos aqui, aparece no discurso como um recurso capaz de contribuir para a persuasão do interlocutor. Na sentença “**Alguns** [homossexuais] sofrem em silêncio, sentem-se enclausurados em casamentos que não lhes trazem plenitude conjugal” (FEITOSA, 2010, p. 27) (grifo nosso), pela palavra em destaque, percebemos que o orador se exclui desse grupo de homossexuais “infelizes” e, assim, é possível pressupor que ele seria, portanto, um homossexual “de bem com a vida”. Sabemos que Alexandre Feitosa é um pastor homossexual casado com outro pastor e, em sua curta biografia apresentada na contracapa do livro, conta-se que “[...] foi membro da igreja Assembleia de Deus por 13 anos, de 1992 a 2005, onde

atuou como professor e ministro de louvor. Desde 2006, faz parte da Comunidade de Família Cristã Athos [...]” (FEITOSA, 2010, orelha da contracapa). Essas informações juntamente com sentenças daquele tipo podem persuadir *queers* “infelizes” e atraí-los para a igreja inclusiva. O efeito dessa pressuposição ainda é intensificado pelas expressões patêmicas da sentença, como “sofrem em silêncio”, e também pela *doxa* da existência de homossexuais envolvidos em casamentos que não lhes satisfazem. Muitos indivíduos *queers* podem, então, se identificar nessa *doxa* e querer tornar-se “de bem com a vida” também.

A desvalorização do discurso religioso tradicional e a construção de imagens negativas da igreja tradicional (imagens do outro) também são estratégias presentes para a persuasão. Observemos o seguinte trecho:

Várias **pesquisas**, nos Estados Unidos, Europa e Brasil, provaram que o **índice** de suicídio entre jovens homossexuais é **6 vezes** maior que o **índice** entre jovens heterossexuais. **Os especialistas** afirmam que pelo menos **40% desses suicídios estão relacionados com crenças e doutrinas propagadas pelas estruturas religiosas**. (FEITOSA, 2010, p. 26) (grifos nossos).

A menção a “pesquisas” e ao “índice”, além da utilização de dados, como em “6 vezes” e “40%”, trazem à tona a aparência de objetividade à argumentação, conferindo credibilidade ao que é dito. Da mesma forma, o chamado aos “especialistas”, como voz de autoridade, também contribui para esse efeito discursivo. Entretanto, o que chama maior atenção no trecho é o argumento causal, ou o “vínculo causal como relação de um fato com sua consequência” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2017, p. 308). O número de suicídios, correspondentes à consequência do raciocínio, está relacionado a uma causa, crenças e doutrinas difundidas no discurso religioso tradicional. Nesse sentido, é possível criar imagens desse discurso religioso tradicional, tais como o de “destrutivo”, ou, até mesmo, de “sanguinário”. Isso porque um determinado fenômeno pode apresentar inúmeras causas, entretanto a escolha de uma dessas causas é capaz de conduzir a argumentação. No caso mencionado, a escolha da causa como sendo as crenças advindas do discurso religioso tradicional é capaz de erigir essas imagens deveras negativas desse mesmo discurso, podendo provocar, por exemplo, a saída do indivíduo *queer* das igrejas tradicionais e a procura por uma igreja inclusiva. A depreciação do discurso tradicional é mais explícita em outros excertos, em que, a partir do léxico, podem-se construir, respectivamente, imagens de “improbo” e de “incongruente”, nos trechos: “É **desonesto** que determinados grupos religiosos se utilizem da Bíblia de forma seletiva.” (FEITOSA, 2010, p. 22) (grifo nosso),

“Transportar a descrição do Gênesis como regra para a atualidade seria **incoerente** e contrário às regras da Exegese”. (FEITOSA, 2010, p. 22) (grifo nosso).

Em outro momento da argumentação, o orador parte de um silogismo de uma *doxa* para desqualificar o discurso religioso tradicional. Ele quer provar que “A premissa de que a homossexualidade é ilegítima torna-se falsa e não se sustenta”. (FEITOSA, 2010, p. 18). Para tanto, recorre à seguinte *doxa* presente no discurso religioso tradicional: “Deus criou Adão e Eva heterossexuais – A heterossexualidade foi estabelecida na criação. Mas... Roberto é homossexual – Sua sexualidade é, pois, contrária aos princípios divinos” (FEITOSA, 2010, p. 19). Após a apresentação do silogismo da *doxa*, sua explicação continua da seguinte maneira: “Com base nesse mesmo raciocínio teremos de aceitar outras ‘verdades’ que soam, no mínimo, **absurdas**. Vejamos: Na criação, Adão e Eva foram criados anatomicamente perfeitos. Mas... Alan nasceu sem braços – Sua deficiência é, pois, contrária aos princípios divinos”. (FEITOSA, 2010, p. 19) (grifo nosso). Feitosa (2010) propõe, então, outro silogismo para, em uma relação analógica com o discurso tradicional, mostrar como ele não se sustenta e como ele seria “absurdo” ou, podemos pensar, ridículo:

O ridículo é a arma poderosa de que o orador dispõe contra os que podem, provavelmente, abalar-lhe a argumentação, recusando-se, sem razão, a aderir a uma ou outra premissa do seu discurso. [...] O ridículo é a sanção contra a obcecação e só se manifesta para aqueles a quem essa obcecação não dá margem a dúvidas. (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2017, p. 234).

Em nosso caso, o orador utiliza um silogismo “ridículo” para defender-se de ataques daqueles interlocutores obcecados com o discurso tradicional e que iriam contra sua argumentação. Acreditamos, pois, que esse tipo de estratégia poderia desconstruir e deslegitimar esse discurso tradicional.

Além de desvalorizar esse discurso, erigindo imagens negativas para ele e para as instituições que o sustentam, acreditamos que a maior estratégia persuasiva presente na obra seja a (re) significação de imagens e emoções ligadas aos indivíduos *queers*. Em certos momentos, Feitosa (2010) retoma imagens negativas ligadas a esse grupo, oriundas da vertente tradicional da igreja:

Afirmam que a homossexualidade não constitui um aspecto natural do ser humano, pois Deus não iria contra sua própria criação, portanto, seria uma manifestação antinatural e pecaminosa. Concluem que tal forma de expressão sexual foi adquirida em algum momento por meio de fatores

externos e ambientais ou seria resultado e um gesto voluntário motivado por um caráter doentio e pervertido. Para os mais conservadores, a homossexualidade é o resultado de possessão demoníaca. (FEITOSA, 2010, p. 18).

Em outros, o orador trata da naturalidade da homossexualidade:

As origens da homossexualidade são tão complexas quanto as da heterossexualidade e nela **não cabe a noção de pecado** por constituir-se um aspecto inato da existência humana. (FEITOSA, 2010, p. 29) (grifos nossos).

Inferimos, pois, que esse contradiscurso conseguiria engendrar novas imagens e emoções ligadas aos indivíduos *queers*, ainda que isso não fique explícito. Mas, ao dizer que “não cabe a noção de pecado”, já imaginamos também que a imagem de pecador e a culpa, por exemplo, também estariam fora de cogitação.

Considerações Finais

Com as diversas estratégias destacadas neste trabalho, vemos o orador engendrar sua credibilidade e as imagens de si que, possivelmente, levam os leitores a aderir ao seu contradiscurso, rebaixando o discurso tradicional, a partir de imagens negativas dele e da deslegitimação dos argumentos ali presentes, de modo que assim as pessoas *queers* poderiam se sentir incluídas. Ao contrário do que muitos poderiam pensar, devido ao veto de propostas legislativas em benefício dos *queers*, como o PLC 122/2006, feito pela “bancada evangélica”, a inclusão dessas pessoas nas igrejas parece vir da tradição protestante, como é o caso da Comunidade Athos. Isso porque as igrejas evangélicas detêm maior liberdade para suas várias denominações, já que seu poder não está centralizado nas mãos de um único líder, como acontece com as igrejas católicas, as quais têm o poder concentrado no Vaticano, na figura do Papa, e seguem à risca uma hierarquia rígida.

Neste trabalho, percebemos as principais estratégias de persuasão de uma importante igreja inclusiva. Em pesquisas futuras, poderemos verificar se essas estratégias são as mesmas nos discursos de outras igrejas inclusivas. E talvez o mais importante seja, ainda, refletir sobre o significado dessa inclusão: será que a inclusão em uma igreja inclusiva gera, ao mesmo tempo, a inclusão social? Ou se essas novas instituições acabam sendo apenas mais um nicho segregacionista, tal como foi o bar *Stonewall* e ainda são, em certa medida, bares e boates

destinadas a esse público? A dificuldade em responder a essas questões, neste momento, deve-se à pequena presença dessas instituições, especificamente no Brasil, e também ao pouco material publicado que sirva de base para análises.

Referências

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação* [on-line], n. 01, p. 129-144, 2011a. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideartigo12.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

_____. *L'argumentation dans le Discours*. 3 éd. Paris: Armand Colin, 2010.

BÍBLIA DE PROMESSAS – corrigida e revisada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 17.ed. São Paulo: King's Cross Publicações, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FEITOSA, Alexandre. *Bíblia e Homossexualidade: verdade e mitos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.

GALINARI, Melliandro Mendes. A polissemia do logos e a argumentação. Contribuições sofisticadas para a Análise do Discurso. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação* [on-line], n. 01, p. 93-103, 2011. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideartigo9.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. Epidemia do ódio: 260 homossexuais foram assassinados no Brasil em 2010. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/Assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20Brasil%20relatorio%20geral%20completo.html>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>> Acesso em: 02 fev. 2018.

ILGA (*International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association*). *STATE-SPONSORED HOMOPHOBIA*. Escrito por Aengus Carroll e Lucas Ramón Mendos, 2017. Disponível em:

<http://ilga.org/downloads/2017/ILGA_State_Sponsored_Homophobia_2017_WEB.pdf>.

Acesso em: 01 fev. 2018.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Helcira Maria Rodrigues de. *Na Tessitura do Processo Penal: a argumentação no Tribunal do Júri*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LOPES, Paulo Victor Leite & Christina, VITAL. *Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll Brasil, 2012.

MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay: Seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU Ideias*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 3, n. 32, p. 1-34, 2005. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/032cadernosihuideias.pdf>>.

Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. A teologia que sai do armário: um depoimento teológico. *Impulso*, Piracicaba, v. 14, n. 34, p. 129-146, 2003. Disponível em:

< <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp34art09.pdf> > . Acesso em: 17 ago. 2015.

_____. Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia do Instituto ecumênico de Pós-graduação, 2008. Disponível em:

< http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=96 > . Acesso em: 18 ago. 2015.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2017.

RODRIGUES, Patrícia. Homofobia internalizada e suicidalidade em jovens LGB e não LGB. *LES Online*, Portugal, v. 2, n. 2, p. 22-34, 2010. Disponível em: < <https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/homofobia-internalizada.pdf> > . Acesso em: 02 fev. 2018.

SILVA, Bárbara Amaral da. *A construção argumentativa da mulher V: um modelo a ser seguido*. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2015.

WEISS DE JESUS, Fátima. *Unindo a Cruz e o Arco-íris: Vivência Religiosa, Homossexualidades e Trânsitos de Gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São*

Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em:
< <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100558> >. Acesso em: 02 fev. 2018.

Recebido em: 08 de fevereiro de 2018.

Aceito em: 02 de maio de 2018.